

.....

Ex-Isto, de Cao Guimarães



por **Marcelo Miranda**

(Texto originalmente escrito para a Coluna Contra Plongée na Filmes Polvo)

É um Brasil da poesia o que surge diante dos nossos olhos neste filme de Cao Guimarães. Na verdade, surge aos olhos de René Descartes, personagem real inserido num universo de ficção, vivido por um ator (João Miguel) que circula em paisagens e ambientes reais. O círculo se fecha, apenas para sempre recomeçar. Nunca os limites entre ficção e documentário estarão muito claros no filme. Como *Terra Deu Terra Come*, é preciso recriar o mundo e travesti-lo de verdade cênica para que ele surja verdadeiro diante dos nossos olhos e ouvidos.

Mas, diferente de Rodrigo Siqueira, Cao Guimarães coloca o objeto central do relato como uma criação autêntica desde o início. Não se vê o ator interpretando a si mesmo (deixemos de lado noções de improviso e liberdade cênica). Na tela, João Miguel é Descartes, e é incorporado como o filósofo francês que ele transita por um Brasil que não é o de hoje nem o de ontem nem o de amanhã. É um Brasil de outra esfera, munido de poderosa carga poética que o faz se impor como um país maior que o homem e maior que a vida.

Descartes navega, caminha, mergulha na areia, flutua no mar. Luzes e sons, enquadramentos e cortes, planos longos e curtos: é de cinema que se faz o filme, mas é também de como o cinema traz à tona e coloca à prova um olhar sobre o país a partir de sua própria força. Ser estrangeiro não é condição incólume para o personagem. Na distopia criada pelo poeta Paulo Leminski no romance *Catatau* (a inspiração para *Ex-Isto*), Descartes vem ao Brasil acompanhando a expedição holandesa de Mauricio de Nassau, no século XVII.

A saga dessa figura cujo olhar parece se encantar com o que lhe aparece a cada novo lance do filme dará saltos espaciais e temporais na medida em que o país lhe impregna totalmente o corpo. Os sons de um avião a decolar são o portal para o “novo mundo” no qual Descartes tropeça. O cineasta filma essa passagem como a mistura entre sonho e poesia, ou como o delírio progressista de um personagem do Brasil lá de trás.

Diferente de *Terra Deu Terra Come*, o passado em *Ex-Isto* não quer atingir o presente, mas intenciona ser incorporado a ele. Quando corpo e terra se juntam num único ser (a cena na areia), aquele estrangeiro inicialmente encantado é, por fim, absorvido pelo espaço onde habita. Esse Brasil que emerge de *Ex-Isto* está carregado de forte carga identitária, do desejo de fazer parte, de impregnar e ser impregnado, de pulsar junto com o chão e nele se refestelar.

Filmes Citados:

Terra Deu Terra Come (Rodrigo Siqueira, 2010)

Ex-Isto (Cao Guimarães, 2010)

*Texto retirado da Revista de Cinema Filmes Polvo, acesso em 26 de abril de 2013.